

A cor da informação: o canal *Papo de Preta* e a formação da identidade negra

*The Color of Information: the Black Chat Channel
and the Formation of Black Identity*

Bárbara Cristina Marques dos Santos Ribeiro | barbara_marques@id.uff.br

Graduada em Biblioteconomia e graduanda em Arquivologia pela UFF

Resumo O presente estudo aborda o uso da informação para constituição da identidade coletiva negra. Para tanto, apoia-se no conceito de informação étnico-racial e estuda o canal *Papo de Preta*, hospedado pelo *YouTube*, objetivando verificar como a informação étnico-racial disseminada pelo canal impacta a identidade racial de seus internautas. Recorre à aplicação de questionário dirigido aos inscritos do canal como instrumento para coleta de dados. A partir dos dados coletados com a pesquisa empírica, infere

que os internautas respondentes buscam o canal para informar-se sobre questões raciais, sobretudo aquelas relativas à existência de pessoas negras, bem como às questões políticas e históricas desta população, modificando suas percepções raciais a partir da informação disseminada nos vídeos.

Palavras-chave Informação étnico-racial; Negritude; Identidade negra; *YouTube*; *Papo de Preta*

Abstract This research addresses the use of information for the constitution of black collective identity. To this end, it relies on the concept of ethnic-racial information and conducts a case study from the *Papo de Preta* channel, located on YouTube, with the aim of verifying how the ethnic-racial information disseminated by the channel impacts the racial identity of its Internet users. It uses the application of a questionnaire to subscribers of the channel as an instrument for data collection. From the data collected with the empirical research, it is inferred that the

Internet respondents of the questionnaire seek the channel to inform themselves about racial issues, especially those related to the existence of black people, as well as the political and historical questions of this population, changing their perceptions racials based on the information disseminated in the videos.

Keywords Ethnic-racial information; Blackness; Black identity; YouTube; Papo de Preta

1. Introdução

A informação assumiu papel central na sociedade contemporânea, também denominada de “sociedade da informação”. Nesse sentido, Alves e Santos (2018) argumentam:

[...] a atual sociedade caracteriza-se pelo volume expressivo de informação, que torna-se um recurso importante para as organizações e tem se tornado um recurso de impacto social, produtivo, econômico, político, cultural e pessoal. (ALVES; SANTOS, 2018, p. 72)

Para Lima e Aquino (2009), esta sociedade é baseada sobretudo na centralidade da informação do ponto de vista mercadológico e, simultaneamente, na eclosão de identidades culturais. Em relação às identidades culturais nesse contexto, Wanderley (2009) aponta que este modelo pode provocar a homogeneização cultural, bem como fortalecer a reafirmação das identidades existentes.

Nesse sentido, cabe mencionar o uso de sites de redes sociais que, apesar de originalmente atenderem a uma lógica de mercado, também foram apropriados como recursos de organização sociopolítica por grupos marginalizados, por meio de denúncias e da promoção de debates. Para realização do presente estudo, o site escolhido foi o YouTube, tendo como corpus de análise o canal *Papo de Preta*.

Protagonizado por Maristela Rosa e Natália Romualdo,

[...] o canal *Papo de Preta* existe para dar vez e voz à mulher negra! Cultura pop, cotidiano, beleza, sociedade... Tudo comentado com o olhar de duas mulheres negras. Representatividade! Isto define nosso canal. (PAPO DE PRETA, 2021)

O canal foi criado em 2015 e conta com 433 vídeos distribuídos em catorze listas de reprodução e 176 mil inscritos (dados de fevereiro de 2021). Considerando a importância da informação nesse cenário e o uso de sites de redes sociais como forma de ativismo por grupos marginalizados, esta pesquisa busca responder ao seguinte problema: como a informação disseminada pelo canal *Papo de Preta* impacta a identidade racial de seus internautas?

Tendo em vista a resolução do problema norteador do estudo, recorreu-se à concepção de informação étnico-racial, que consiste em:

[...] todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana. (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 487)

A realização da pesquisa é motivada pelo lugar social ocupado pela autora, considerando as tímidas discussões raciais vivenciadas ao longo da graduação, o que por sua vez pode ser observado também na produção científica da área, de modo que:

na literatura das áreas de Biblioteconomia/Ciência da Informação pouco se discute sobre a importância, o valor e o uso da informação de interesse de grupos específicos (negros, indígenas, deficientes, homossexuais, mulheres, dentre outros). (SILVA; AQUINO, 2014, p. 204).

Assim, espera-se que os campos não estejam alheios aos acontecimentos que demarcam a dinâmica coletiva, particularmente ao aspecto étnico-racial, buscando inserir os estudos informacionais à luz deste. Ademais, Lima e Aquino (2009) chamam atenção para a importância dos estudos a respeito da identidade na era da informação, pois “[...] esses estudos podem contribuir para uma reflexão sobre o contexto das relações sociais que atuam no processamento/consumo de informação, elemento de produtividade e poder na sociedade contemporânea” (LIMA; AQUINO, 2009, p. 40). Assim, detalhamentos desta associação entre relações sociais e informação (mais precisamente relações étnico-raciais), serão tecidos na seção a seguir.

2. Desenvolvimento

Nesta seção pretende-se discutir o conceito de fonte de informação, situando a atuação do canal *Papo de Preta* nesse sentido. Também objetiva-se tratar sobre a noção de identidade negra, conforme os termos de Kabengele Munganga (2020). Serão apresentados ainda os resultados obtidos a partir de aplicação do questionário proposto aos inscritos do canal *Papo de Preta*, investigando o impacto das informações disseminadas pelo canal na identidade étnico-racial de seus espectadores. Por fim, serão expostos os procedimentos metodológicos e limitações do estudo.

2.1. Considerações sobre o conceito de “fonte de informação”

Na introdução do presente estudo buscou-se discorrer brevemente sobre o potencial da informação étnico-racial. Entretanto, é válido pontuar que o acesso à informação ocorre por meio de fontes específicas. De maneira geral, uma fonte pode ser compreendida como um recurso que possibilita a origem de outro. Segundo Cunha (2001) “o conceito de fonte de informação ou documento é muito amplo, pois pode abranger manuscritos e publicações, além de objetos como amostras minerais, obras de arte ou peças museológicas” (CUNHA, 2001, p. 7).

Cendon (2000) descreve a evolução da internet como fonte de informação, alegando que é com o surgimento da *web* e seus recursos para microcomputadores, em 1993, que o uso da internet se populariza. A autora também pontua:

A ampliação do número de usuários, somada à ampla interconectividade, robustez, interatividade e facilidade com que recursos informacionais podem ser criados e acessados fazem da internet um meio atraente para divulgação de uma variedade de informação. Ao mesmo tempo, essa combinação de fatores faz supor que o ritmo atual de expansão será mantido e que ela continuará a se consolidar como fonte de informação fundamental. (CENDON, 2000, n. p.)

Na atualidade, pode-se afirmar que as previsões anunciadas pela autora estavam corretas. Considerando este novo horizonte, Araújo e Fachin (2015, p. 84) definem fontes de informação como “registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão à sua volta”. Além disso, as autoras classificam as fontes em relação ao suporte e à finalidade.

Quanto ao suporte, dividem as fontes em impressas, eletrônicas e multimídias. As fontes impressas estão associadas ao papel como suporte, de modo que seu surgimento refere-se ao período pós-Gutenberg. As fontes eletrônicas são aquelas que utilizam a eletricidade como meio de acesso, a exemplo do rádio e da tv. Já as fontes de informação multimídias são aquelas que possibilitam a interação no ambiente virtual. Neste último caso tem-se o *Flickr*, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, blogs e sites como exemplos.

Constata-se que as concepções acerca do que vem a ser fonte de informação estão alinhadas com a tese de Capurro e Hjørland (2007), no sentido de que a ideia de informação depende estritamente do público a que se destina, ressaltando seu caráter social e cultural. Santos e Aquino (2016) reafirmam esta noção comprovando que as fontes denotam a complexidade do contexto em que foram produzidas, organizadas e acessadas.

Ainda conforme estes últimos autores:

As fontes de informação com a temática étnico-racial são instrumentos para minimizar as práticas de discriminação, inferiorização e invisibilidade da população negra na sociedade brasileira. O contato e apreensão dos elementos culturais presentes fomentam a construção do conhecimento crítico sobre a composição da sociedade multicultural brasileira e o reconhecimento das distintas raças que caracterizam esta população. (SANTOS; AQUINO, 2016, p. 50)

Em estudo sobre as fontes de informação étnico-racial na *web*, Silva e Aquino (2014) listam nove tipos de fontes, a saber: *sites* e *websites*, portais, blogs, micro blog, redes sociais, grupos de discussão ou comunidades virtuais, buscadores, meta-buscadores e o *YouTube*, objetado presente estudo, visto que o canal *Papo de Preta* integra o *YouTube*.

2.2. Considerações sobre a noção de “*identidade negra*”

A melhor compreensão do conceito de identidade requer análise prévia da articulação entre identidade e diferença. Silva (2000) ensina que tais conceitos possuem entre si uma relação de interdependência. Segundo o autor, do ponto de vista do senso comum, identidade e diferença tendem a ser encarados enquanto elementos puramente autosuficientes. Sob esta ótica, tratam-se de elementos da natureza e, portanto, inocentes, com o objetivo de cumprir uma positivação. Dizer, por exemplo, “sou brasileiro”.

Entretanto, o autor elucida, mais adiante, que identidade e diferença são construções sociais, indicando relações de força e poder, sendo a diferença a causa primária da identidade. Assim, ao afirmar sua identidade nacional como brasileira, um indivíduo está simultaneamente alegando que não é, por exemplo, chinês. Ou seja, essa afirmação revela não só a positivação de um atributo, mas também a exclusão de tantos outros.

Tratando sobre a diferença, Munanga (2005) reitera:

[...] a diferença está na base de diversos fenômenos que atormentam as sociedades humanas. As construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seus grupos humanos. As diferenças unem e desunem; são fontes de conflitos e de manipulações socioeconômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos (MUNANGA, 2005, n. p.).

Fernandes e Souza (2016) defendem que a análise da constituição das identidades das diferenças é útil pois as relações étnico-raciais são formadas historicamente como aporte das representações. Desta forma, as representações geradas a partir das identidades e diferenças dos grupos produzem impactos na realidade social.

Tratando da representação social do negro, especificamente, a objeção ou produção das diferenças foi formulada a partir de marcas corporais biológicas, que foram usadas para sustentar o argumento de raças superiores e inferiores como forma de manutenção do regime escravocrata. A este respeito, Munanga (2005) adverte:

[...] com o descobrimento da América e da África, os povos autóctones recém-descobertos receberam a identidade coletiva de “índios” e “negros”. A questão colocada tanto pelos teólogos ocidentais dos séculos XVI e XVII, quanto pelos filósofos iluministas do século XVIII, era saber se esses índios e negros eram bestas ou seres humanos como os europeus. Questão cuja resposta desembocou numa classificação absurda da diversidade humana em raças superiores e inferiores (MUNANGA, 2005, n. p.).

A partir dessa construção racista, a identidade do negro foi fixada num polo de inferiorização e desumanização. Isto é possível, pois, conforme demonstra Larrain (2008), a identidade consiste na “capacidade de considerar a si mesmo como um objeto e nesse processo construir uma narrativa sobre si mesmo. Mas essa habilidade só é adquirida em um processo de relações sociais mediado por símbolos” (LARRAIN, 2008, p. 32).

Dessa forma, a identidade atua em duplo movimento, no sentido de que essa capacidade de criação de narrativas, embora recaia sobre si mesma, depende estritamente das relações sociais. Por isso, no caso dos negros brasileiros, as tensas relações sociais às quais eles foram submetidos contribuíram não apenas para a imposição de uma identidade pejorativa, como também possibilitou que essa identidade fosse introjetada pelo próprio grupo.

Castells (2018) difere “identidade” de “papéis”, alegando que a principal distinção entre esses elementos é justamente a capacidade dos atores sociais internalizarem as identidades, submetendo-as a um processo de individuação, mesmo que estas sejam impostas pelas instituições. Munanga (2005) confirma este raciocínio ao ensinar o seguinte:

[...] nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela má percepção que os outros têm dela, ou seja, uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer prejuízos ou uma deformação real se as pessoas ou sociedades que os rodeiam lhes devolverem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível deles mesmos. (MUNANGA, 2005, n. p.)

Variadas foram as estratégias para imposição, e posterior internalização, da identidade de desumanização do negro. Uma das mais importantes foi o projeto da miscigenação, induzida pelo modelo racista universalista. Sobre a configuração deste modelo e seus impactos na identidade negra, pode-se comentar o seguinte, conforme Munanga (1999):

[...] ele se caracteriza pela busca de assimilação dos membros dos grupos étnico-raciais diferentes na “raça” e na cultura do segmento étnico dominante na sociedade.

Esse modelo supõe a negação absoluta da diferença, ou seja, uma avaliação negativa de qualquer diferença e sugere no limite um ideal implícito de homogeneidade que deveria se realizar pela miscigenação e pela assimilação cultural. A mestiçagem, tanto biológica quanto cultural teria, entre outras consequências, a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio. (MUNANGA, 1999, p. 110)

Nesse sentido, o autor afirma que é a partir da tomada de consciência das relações entre identidade e diferença que se torna possível a construção de identidades contrastantes às impostas pela ideologia dominante. Em relação à identidade negra, o autor defende que esta ganha tônica sobretudo no âmbito do movimento da negritude.

A origem dos preceitos deste movimento ideológico remonta ao Estados Unidos, na década de 1920, associado à figura do afro-americano William Edward Burghardt Du Bois, considerado um dos primeiros líderes a defender o discurso de orgulho racial negro. Entretanto, o termo “negritude” propriamente dito aparece, pela primeira vez, em 1939 em poema de autoria do poeta, dramaturgo e ensaísta martinicano Aimé Fernand David Césaire (1913-2008) (DOMINGUES, 2005).

Para esse autor, “negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específica. Césaire definiu a negritude em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade” (MUNANGA, 2020, p. 50). A identidade está associada ao ato de o negro assumir, com orgulho, a sua condição racial. A fidelidade está direcionada à prática de estabelecer ligações com suas origens africanas, e a solidariedade está associada ao sentimento de irmandade que une pessoas negras (MUNANGA, 2020, p. 50).

O movimento da negritude contou com duas fases principais. A primeira estava voltada à negação da assimilação cultural europeia e à construção da consciência racial. O principal instrumento de expressão desse primeiro momento foi a literatura. A segunda, mais abrangente, estava direcionada à contestação da ordem colonial, bem como a luta pela emancipação política dos povos africanos (DOMINGUES, 2005).

No Brasil, dois agentes foram fundamentais para a disseminação dos ideais da negritude, sendo estes Luís Gama e o Teatro Experimental do Negro. Munanga (2012) considera que a inserção do movimento da negritude foi determinante para os rumos do movimento negro brasileiro. Conforme Domingues,

[...] no terreno cultural, a negritude se expressava pela valorização dos símbolos culturais de origem negra, destacando-se o samba, a capoeira, os grupos de afoxé. No plano religioso, negritude significava assumir as religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé. Na esfera política, negritude se definia pelo engajamento na luta anti-racista, organizada pelas centenas de entidades do movimento negro. (DOMINGUES, 2005, n. p.)

Outro legado do movimento foi a intensificação da discussão a respeito da consciência racial, o que por sua vez também suscitou o debate em torno da identidade negra. Em relação à identidade negra, pode-se, a partir das formulações de Césaire, afirmar que ela:

[...] consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, de cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. (MUNANGA, 2020, p. 50)

Dessa forma, a identidade negra envolve tanto o orgulho quanto a consciência da condição do negro. De acordo com Munanga (2020) a construção da identidade coletiva negra deve considerar três aspectos principais, a saber: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico. O primeiro consiste na construção de uma consciência histórica, permitindo que a população empenhe esforços para compreender sua trajetória, possibilitando também que essa história seja conhecida pelas futuras gerações.

O segundo refere-se às diversas formas de comunicação, a exemplo dos componentes relacionados aos cabelos, estilos musicais e à própria linguagem utilizada em contextos religiosos. Por fim, tem-se o fator psicológico, que deve abranger questões relativas ao aspecto emocional do negro.

É importante ressaltar que no escopo deste estudo pretende-se tratar da identidade do ponto de vista coletivo. Ainda nos termos de Munanga (2012), a identidade coletiva pode ser compreendida como

[...] uma categoria de autodefinição de um grupo. Esta definição pode ser feita pelo próprio grupo, através de sinais diacríticos ou pode ser uma identidade atribuída por outro grupo, através de sinais diacríticos que não foram selecionados pelo próprio grupo. (MUNANGA, 2012, p. 9)

Difere-se da identidade individual, atribuída geralmente pelos pais, com a proposta de demarcar a individualidade do ser no mundo. Castells (2018) atenta ainda para outras tipologias de identidade, a exemplo da identidade legitimadora, de resistência e identidade de projeto.

A identidade legitimadora é imposta pelas instituições. Já a identidade de resistência e de projeto são ambas produzidas pelos grupos marginalizados. A de resistência, como o próprio nome sugere, busca agir como instrumento capaz de se contrapor às opressões vivenciadas pelo grupo. A de projeto se consolida quando o grupo se apropria do material cultural disponível, tendo em vista redefinir sua posição na sociedade, reelaborando toda estrutura social. (CASTELLS, 2018).

A seguir, pretende-se verificar a ocorrência dos elementos constitutivos da identidade coletiva negra, com base no instrumental proposto por Munanga. A análise será feita a partir da informação disseminada pelo canal *Papo de Preta*, considerando as respostas obtidas em questionário aplicado aos seus internautas, tendo em vista o delineamento do perfil socioeconômico e de gênero destes, bem como os usos que fazem do canal.

2.3. Procedimentos metodológicos e limitações do estudo

Antes, porém, cabem algumas palavras sobre a metodologia deste trabalho, bem como as limitações da pesquisa propriamente dita. Em relação ao canal selecionado, é importante pontuar que a escolha pelo canal deriva da experiência pessoal da autora da presente pesquisa, que conheceu o *Papo de Preta* em 2017 através de recomendação do próprio *YouTube*. Na ocasião, a autora acompanhava outros canais de mulheres negras como Nátaly Nery, Luci Gonçalves e Pati Avelino, buscando principalmente conteúdos relacionados aos cuidados com cabelos crespos, tendo em vista a aceitação de seu próprio cabelo crespo e natural. Assim, do ponto de vista pessoal o canal foi utilizado como fonte de informação para autoafirmação ou identidade.

Dito isso, cabe recorrer a Gil (2008), para quem é possível classificar a pesquisa em níveis, de acordo com a finalidade ou objetivos do estudo. Em relação às pesquisas do nível descritivo, o autor declara “são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28).

Por buscar levantar as opiniões e crenças dos inscritos do canal *Papo de Preta*, com a pretensão de associar as variáveis “informação” e “identidade negra”, entende-se que o presente estudo seja categorizado como do tipo descritivo. Gil (2008) descreve que é possível, ainda, caracterizar a pesquisa quanto ao delineamento. Nos termos do autor, o delineamento é o fator responsável por permitir o confronto entre a teoria e a realidade. Em relação ao desenvolvimento do delineamento, assegura que

[...] o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de “papel” e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. (GIL, 2008, p. 50)

Nesse sentido, a presente investigação prevê o uso dos dois métodos para a coleta de dados sugeridos pelo autor, na medida em que utiliza a pesquisa bibliográfica como forma de instrumentalização teórica e conhecimento da literatura e,

posteriormente, busca dados fornecidos pelas próprias pessoas, que no caso são os inscritos do canal *Papo de Preta*.

Para a etapa da pesquisa bibliográfica relativa à primeira seção do estudo foram realizadas duas buscas principais: a primeira busca direciona-se ao levantamento de literatura das áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, tendo em vista o cumprimento do primeiro objetivo específico: validar o canal *Papo de Preta* enquanto fonte de informação, o que por sua vez implica no levantamento de literatura especializada sobre a informação de maneira mais abrangente, já que o entendimento sobre fontes de informação se torna mais lúcido quando se compreende a noção de informação como um todo.

A segunda etapa da pesquisa bibliográfica versa sobre o segundo objetivo específico do estudo: descrever formas de resistência da população negra no contexto brasileiro. Nesta segunda etapa também foi realizado levantamento sobre a identidade negra. Além dos artigos levantados nas bases, também foram consultados livros sobre escravidão, racismo e temáticas relacionadas. Os livros também foram consultados no caso do levantamento sobre informação e fontes de informação.

O segundo momento da metodologia constituiu no estudo de caso. A escolha justifica-se a partir da impossibilidade de estudo dos impactos da informação disseminada a partir de canais no *YouTube* de forma mais generalista, sendo necessário a seleção de um caso específico. (GIL, 2008, p. 58). A escolha pelo canal *Papo de Preta* deriva de gosto pessoal da autora, resultante de sua identificação com o conteúdo do canal.

Em relação à técnica de coleta de dados, a pesquisa recorreu ao uso de questionário, que se trata de uma técnica

[...] composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121)

A sequência de perguntas do questionário buscou seguir as recomendações de Günther (2003), priorizando num primeiro momento a obtenção de dados mais gerais e impessoais para posteriormente solicitar os mais específicos e delicados que, no caso do presente estudo, são aqueles relativos ao perfil socioeconômico e de gênero dos internautas. O questionário foi composto por dez questões, sendo nove abertas e uma fechada. Sua aplicação teve início em 14/12/2020 e durou até 19/03/2021. No dia 20/12/2020 ocorreu divulgação do instrumento por uma das idealizadoras do canal, Maristela Rosa, via *stories* do *Instagram*. Antes desse período o questionário foi aplicado em caráter de teste, tendo em vista elucidar os melhores horários para aplicação,

bem como a necessidade de eventuais ajustes. A divulgação nesta fase ocorreu no *Instagram* do canal *Papo de Preta*, bem como no próprio canal no *YouTube*.

A partir dos testes, a autora optou pela aplicação exclusivamente através do *YouTube*, abordando diretamente os inscritos que faziam comentários nos vídeos, partindo do pressuposto de que o internauta que se dispôs a tecer comentários e debater ideias estaria mais disposto a contribuir com o questionário. Além disso, na fase de testes foi constatado que o engajamento pelo *Instagram* do canal ainda é tímido, situação frequentemente mencionada em vídeos pelas idealizadoras do *Papo de Preta*.

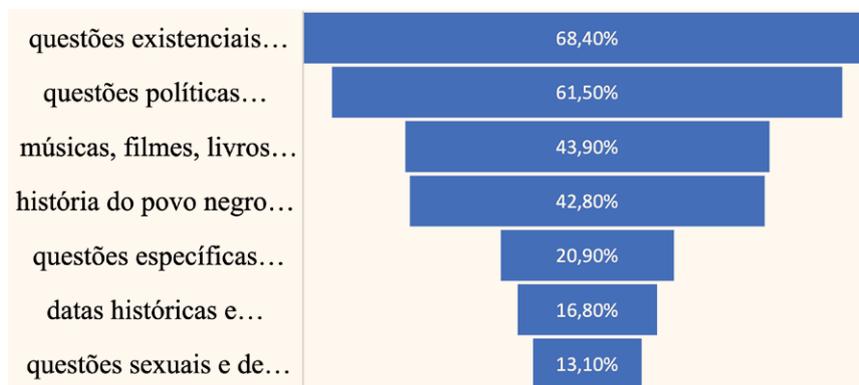
Entretanto, a partir de 19/03/2021 a autora percebeu que os comentários de convite para colaborar com o questionário que foram postados acabaram sendo excluídos pelo *YouTube*, inviabilizando a visualização por parte dos internautas, comprometendo o número de respostas ao estudo. Consultando as políticas de *spam* do site, constatou-se a existência de uma série de restrições para links externos e *spam*.

Acredita-se que, pelo texto de apresentação do instrumento ter sido postado nos comentários dos vídeos de maneira repetitiva, a plataforma tenha sinalizado os comentários da autora como *spam*, inviabilizando a continuidade da aplicação do questionário, o que, somado ao curto período disponível para o desenvolvimento do estudo, culminou em baixo percentual de respondentes.

Dessa forma, convém alertar que as conclusões expostas neste estudo valem somente – e tão somente – para o conjunto de 374 internautas que respondeu ao questionário, e não pretende fazer generalizações para o canal como um todo. Para a análise dos dados, a autora buscou relacionar as respostas fornecidas pelos internautas com aspectos presentes no referencial teórico levantado, sobretudo aquele sobre identidade negra.

2.3 Identidade negra e o canal Papo de Preta: aproximações

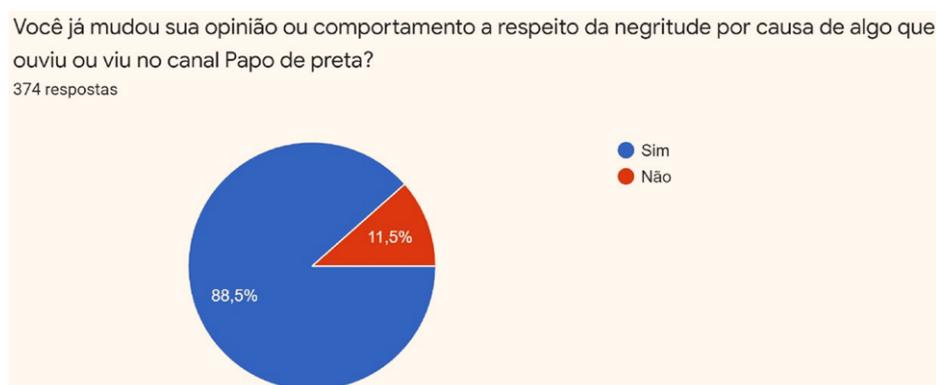
O primeiro indicador buscou avaliar os principais usos aos quais, do ponto de vista dos internautas, o canal se presta. Assim, os internautas poderiam escolher até três opções, dentre os principais usos elencados no questionário, são eles: 1) informar-se sobre músicas, filmes, livros e outras produções artísticas de pessoas negras; 2) informar-se sobre datas históricas e personalidades negras brasileiras; 3) informar-se sobre questões políticas específicas das pessoas negras no Brasil; 4) informar-se sobre a história do povo negro no Brasil; 5) informar-se sobre questões existenciais próprias das pessoas negras brasileiras; 6) informar-se sobre questões sexuais e de gênero específicas das pessoas negras; e 7) informar-se sobre questões específicas sobre beleza das pessoas negras. Ao total, foram obtidas 374 respostas a esta questão, conforme expresso no gráfico abaixo.

Gráfico 1 Principais motivos do acesso ao canal *Papo de Preta*

Fonte: pesquisa da autora (2021).

A partir do gráfico 1, é possível notar que os principais usos do canal foram: informar-se sobre questões existenciais específicas das pessoas negras no Brasil, seguido por informar-se sobre questões políticas específicas das pessoas negras no Brasil, com um percentual de diferença de 7% entre as duas opções. O terceiro uso predominante foi informar-se sobre a história do povo negro. Tais fatores podem ser associados ao elemento histórico da identidade negra, conforme supracitado no início da seção.

Ou seja, para a maioria dos usuários, o canal é uma fonte de autoconhecimento ou autoconsciência do povo ou do ser negro. O próximo gráfico pretende descrever o impacto do canal na formação de opinião dos internautas. Assim, foi questionado se os internautas já mudaram de opinião a respeito da negritude, a partir da informação disseminada pelo canal.

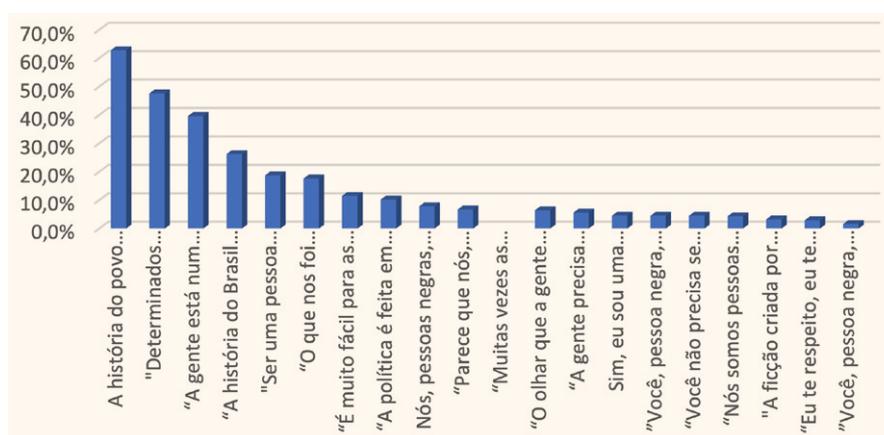
Gráfico 2 Influência do canal

Fonte: pesquisa da autora (2021).

Dessa forma, verifica-se que, dos 374 respondentes, 331 alegaram já ter mudado de opinião em relação aos aspectos étnico-raciais a partir da informação disseminada pelo canal.

O questionário também reservou espaço para que os internautas selecionassem afirmações, extraídas de vídeos do canal, com as quais concordavam ou discordavam. Seguindo o modelo da questão anterior, os internautas deveriam selecionar até 3 opções com as quais concordavam. Os resultados em relação às afirmações com as quais os internautas concordam podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 3 Afirmações com as quais os internautas concordam



Fonte: pesquisa da autora (2021).

A alternativa mais assinalada quanto às afirmações divulgadas no canal foi: "A história do povo preto não começou com a escravidão. A gente tem um passado glorioso, a gente tem uma cultura muito rica e que a gente não conhece, que foi tirada, negada, demonizada. É bom a gente tentar recuperar isso e é bom que a gente pense que nosso povo é resistente sim, teve resistência sim". Tal afirmação obteve 235 das 374 respostas, o que equivalente a 62,8%. Repare-se que é uma afirmação de autoestima e de negação de estereótipos depreciativos ou que reduzem a memória do povo negro a uma atitude meramente passiva e de sofrimento.

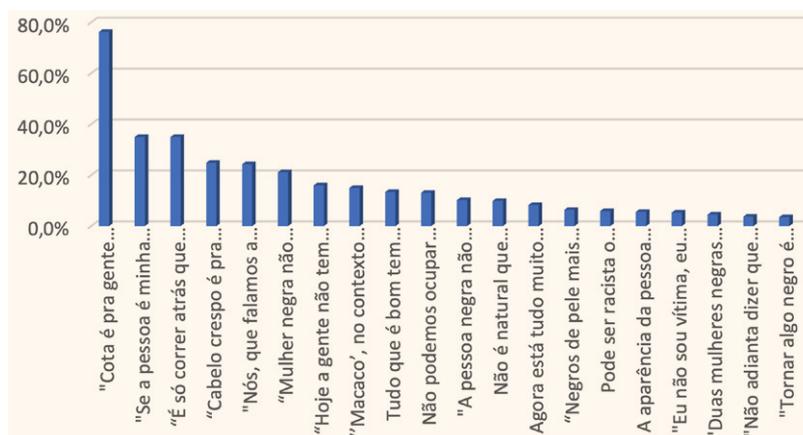
A segunda afirmação mais votada pelos internautas foi: "Determinados grupos têm mais privilégios, mais vantagens do que outros", com um total de 178 respondentes ou 47,6%. Em terceiro lugar, com 148 respostas, aparece "A gente está num país racista que construiu que ser negro é ruim e pejorativo. [...] Essa ideia está em todos os lugares. Ela está nas telenovelas: o personagem negro é sempre barraqueiro, malandro, desprestigiado. Aquela pessoa que você gostaria de ser, nunca é a pessoa negra". Nesse caso, o índice de respostas foi de 39,6%.

É interessante notar a distância em relação ao primeiro colocado, indicando que a autoestima é prioritária. A segunda colocada diz respeito à consciência do abismo social entre brancos e negros no Brasil, enquanto que a terceira, com quase 40%, refere-se à consciência do racismo.

A quarta e quinta posição são ocupadas pelas afirmações “A história do Brasil está repleta de revoltas de povos pretos. O fim da escravização é uma luta preta”, com 26,6%, e “Ser uma pessoa negra é ser uma pessoa plural”, com 18,7% das respostas. Também vale atentar para a frase “O que nos foi ensinado é negar nossa própria cultura e nossa própria existência enquanto pessoas negras, a negar nossas raízes. Então, o que estamos tentando fazer é um resgate de quem a gente é, de nossa cultura, de nossas raízes”, destacando que o percentual que separa esta afirmação da anterior é apenas de 1%, somando assim, 17,6% das respostas.

Todas as concepções mais votadas vão diretamente ao encontro da proposta de identidade negra adotada por este estudo, contemplando tanto a valorização do negro quanto a consciência de sua situação de exclusão. No gráfico a seguir, são apresentadas as afirmações das quais os internautas discordam.

Gráfico 4 Afirmações das quais os internautas discordam



Fonte: pesquisa da autora (2021).

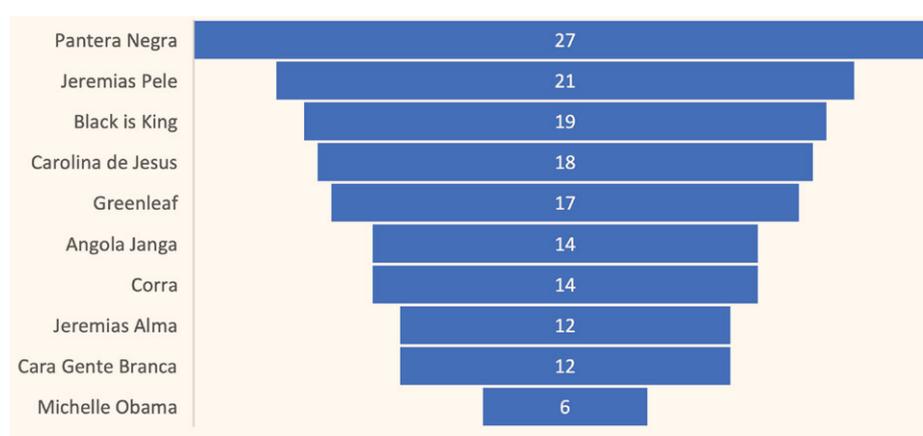
O maior número de respondentes foi para a opção “Cota é pra gente preguiçosa” (76,2%), seguido por, “Se a pessoa é minha amiga, se eu gosto da pessoa, ela nunca vai ser racista”. Também com 35%, tem-se a afirmação “É só correr atrás que você consegue. Qualquer um consegue. Se nós, brancos, estamos aqui com os melhores salários, nos melhores cargos, ocupando as melhores posições sociais, tendo mais acesso à Justiça, à educação e aos direitos, é porque nós merecemos”.

A primeira colocada, com percentual próximo a 80%, reflete a tensão gerada pela discussão em torno das cotas, que enfrentaram grande resistência, finalmente pacificada pelo Supremo Tribunal Federal. Ao mesmo tempo, esse alto percentual reflete a consciência desses internautas ao direito conquistado pelo povo negro em relação ao acesso ao ensino superior público – até então reduto excludente de pessoas brancas.

O índice de discordância da segunda afirmação indica a consciência a respeito da disfuncionalidade da meritocracia na sociedade brasileira, sendo esta, inclusive, um argumento fundamental para a manutenção do racismo estrutural, conforme visto na segunda seção desta pesquisa. Com 24,3% e 24%, respectivamente, estão as frases “Cabelo crespo é pra ser feio, é ser sujo” e “Nós, que falamos a respeito do racismo, é que somos racistas”. A frase “Cabelo crespo é pra ser feio, é sujo”, pode ser associada ao componente linguístico da identidade negra que refere-se às diversas formas de comunicação, a exemplo dos estilos musicais e a estética negra, conforme apresentado no início da presente seção.

Também foi solicitado aos inscritos que mencionassem livros, peças teatrais, seriados, filmes e similares que lembrassem de ter consumido por recomendação do canal *Papo de Preta* nos últimos três meses. A pergunta obteve 222 respostas. Três internautas alegaram não ter consumido nenhum conteúdo desse tipo recentemente, em virtude da pandemia. Onze internautas disseram não lembrar dos títulos. Removendo esses dados, a pergunta obteve 208 respostas válidas. Os principais itens consumidos a partir das indicações feitas pelo canal podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 5 principais itens consumidos



Fonte: pesquisa da autora (2021).

Percebe-se, portanto, o predomínio de obras com a temática racial, dentre as quais cinco são produções audiovisuais (*Pantera Negra*, *Black is King*, *Greenleaf*,

Corra e Cara gente branca). Nota-se que todas são norte-americanas (envolvendo, pois, temáticas ou características próprias do racismo dos EUA, que não é idêntico ao do Brasil – onde, inclusive, as pessoas negras são maioria).

As demais produções – todas brasileiras – consistem em histórias em quadrinhos, nos casos de *Angola Janga* (de Marcelo D’Saete), *Jeremias Alma* e *Jeremias Pele* (estas duas últimas, publicações dos estúdios Maurício de Sousa). Os nomes de Michelle Obama e Carolina de Jesus aparecem associadas a dois livros. No caso de Carolina de Jesus, foi mencionada a obra *Quarto de despejo*. No caso de Michelle Obama, ex- primeira-dama dos EUA, destaca-se sua biografia cujo título é *Minha história*.

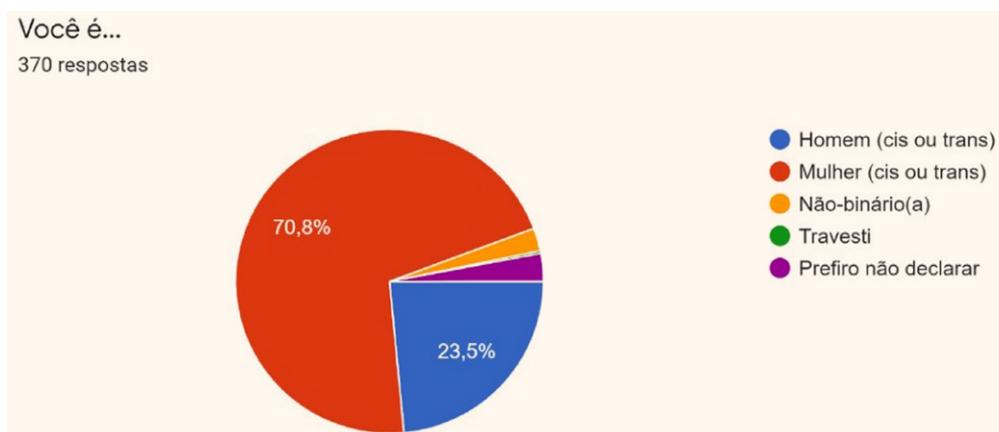
Quanto ao perfil racial dos internautas, é possível observá-lo no gráfico abaixo.

Gráfico 6 Perfil racial dos internautas



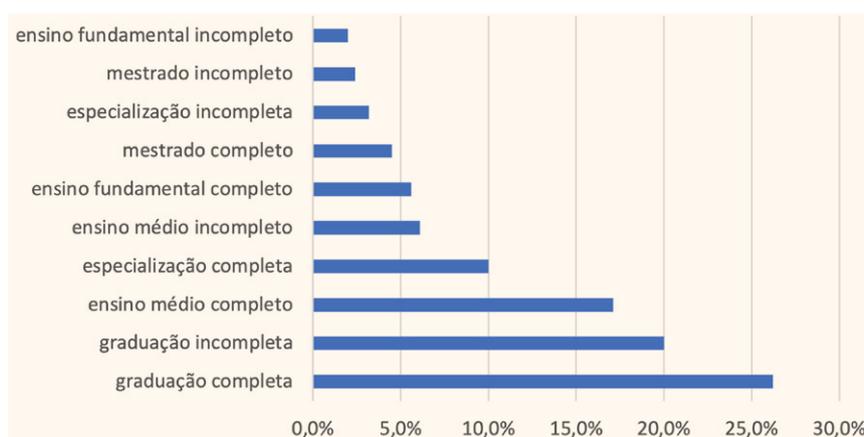
Fonte: pesquisa da autora (2021).

Observa-se, portanto, que pretos e pardos (que compõem a categoria “negro”, de acordo com o IBGE) representam 64,1% do público dedicado a responder ao questionário – bem acima do percentual da população brasileira, como um todo. Pode-se considerar este resultado surpreendente, pois o percentual de pessoas brancas que responderam ao questionário foi de 34,3%, percentual equiparável ao número de pessoas pretas, que foi de 34,1%. Em relação ao gênero, os percentuais são dispostos no gráfico abaixo.

Gráfico 7 Perfil de gênero dos iinternautas

Fonte: pesquisa da autora (2021).

Percebe-se, portanto, a presença hegemônica de mulheres (cis ou trans) que acompanham o canal e optaram por colaborar com o questionário. Talvez isso se deva ao fato de as apresentadoras e idealizadoras do canal serem mulheres. Já o grau de escolaridade dos inscritos pode ser consultado no gráfico a seguir.

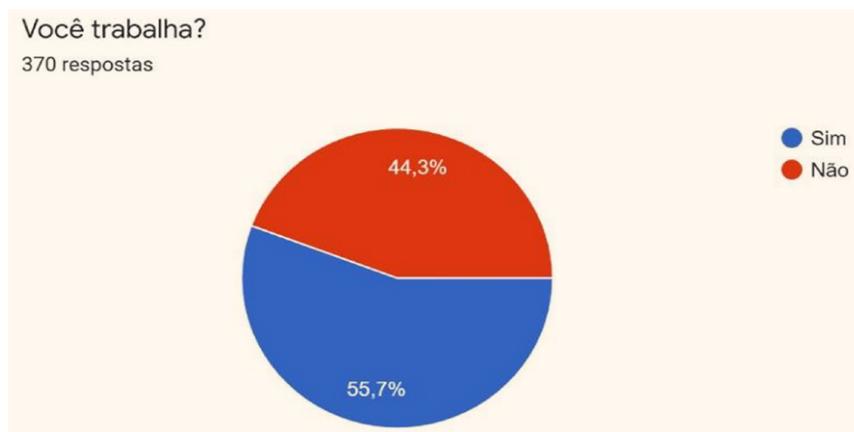
Gráfico 8 Grau de escolaridade dos internautas

Fonte: pesquisa da autora (2021).

Observando o gráfico é possível afirmar que a maior parte do público está envolvida na graduação, seja cursando (20%) ou já concluída (26%). Em seguida, tem-se o público de ensino médio completo, com 17%. Nesse caso, considera-se a presença dos internautas no canal particularmente significativa, visto que o ensino médio

regular, sobretudo o público, ainda é um espaço em que as discussões raciais são tímidas. Seja como for, se comparada à média da população brasileira, a escolaridade desse público é alta. Os próximos gráficos esboçam as condições de emprego e renda dos inscritos.

Gráfico 9 Taxa de emprego



Fonte: pesquisa da autora (2021).

Em relação ao exercício de trabalho formal, 55,7% dos internautas afirmaram trabalhar, enquanto 44,3% não. O próximo gráfico busca identificar o perfil salarial dos internautas.

Gráfico 10 Faixa salarial



Fonte: pesquisa da autora (2021).

Assim, entre os internautas que trabalham, a faixa salarial dominante foi de 1 a 3 salários-mínimos, conforme exposto no gráfico acima, o que aponta para um público majoritariamente entre média e baixa renda.

Em suma, os resultados permitem inferir que os internautas respondentes do questionário buscam o canal *Papo de Preta* para informar-se sobre questões raciais, sobretudo aquelas relativas a existência de pessoas negras, bem como as questões políticas e históricas desta população, modificando suas percepções raciais a partir da informação disseminada nos vídeos.

A mudança dessas percepções ocorre sobretudo a partir de informações direcionadas à afirmação da autoestima e conscientização do grupo, o que se dá pela disseminação de informações étnico-raciais abordadas pelas idealizadoras do canal, bem como pela divulgação de obras audiovisuais e literárias que versem sobre a condição da população negra, tanto no território brasileiro quanto estadunidense.

Quanto ao seu público, pode-se inferir que é majoritariamente composto por mulheres negras entre o ensino médio e o ensino superior, com enfoque na graduação neste segundo caso. Considera-se a presença de mulheres negras particularmente relevante, pois conforme visto na segunda seção, esta população sofre de maneira mais direcionada com as restrições impostas pelo racismo e sexismo, que atingem inclusive sua capacidade de acesso à informação.

Os dados também permitem inferir que, a maior parte do público que se dispôs a responder o questionário é composto por trabalhadores ativos no mercado de trabalho, possuindo renda salarial de 1 a 3 salários – mínimos. Neste caso, também infere-se que a informação disseminada pelo canal seja simbólica, visto que a classe trabalhadora também sofre empecilhos de acesso à informação em ambientes tradicionais como bibliotecas e universidades, em virtude de condições adversas como horário de funcionamento que não contempla a jornada de trabalho dos indivíduos, localizações de difícil acesso aos trabalhadores cujas residências estão nas periferias e outros.

3. Considerações finais

A proposta do presente estudo foi verificar como a informação disseminada pelo canal *Papo de Preta* impacta a identidade racial de seus internautas. Para tanto, a concepção de informação utilizada foi a de Oliveira e Aquino (2012), isto é, “informação étnico-racial”.

Constatou-se que uma das características do racismo brasileiro é o mito da convivência harmoniosa entre brancos, índios e negros. Esta situação propicia o apagamento da discussão racial na sociedade de modo mais amplo, e contribui para o aniquilamento – ou a tentativa sistemática de aniquilar – a identidade do negro, visto que um cenário de harmonia torna dispensáveis as reivindicações de um grupo específico.

Dessa forma, a busca por informações étnico-raciais deve ser constante. A autora Djamila Ribeiro (2019) chama a atenção, em seu *Pequeno manual antirracista*, para a necessidade de informação a respeito do tema, no capítulo que inaugura a obra, sob o título “Informe-se sobre o racismo”. Em relação à informação para a identidade especificamente, pode-se compreender que a partir do acesso à informação o grupo pode se autodefinir, criando consciência do seu papel na conjuntura social, promovendo o engajamento na luta por reivindicações contra as opressões.

Ademais, deve-se considerar que políticas públicas são orientadas por pesquisas como as realizadas pelo IBGE, que por sua vez utilizam a autodeclaração como um de seus critérios. E não há autodeclaração racial consciente sem identidade. E não há identidade sem saber. E não há saber sem informação.

Dessa forma, o indivíduo que não é capaz de se definir como negro e entender seu papel no corpo social, impacta a realidade de outros sujeitos do grupo como um todo. Assim, informação pode gerar identidade, que por sua vez pode promover mudanças ou pelo menos a busca por elas. Isso se torna mais evidente ao considerar que a informação disseminada pelos escravocratas privilegiava a manutenção das opressões raciais, informando ao negro que sua posição era a da inferioridade e serviço.

Em relação ao problema de pesquisa, a questão norteadora desse estudo foi: como a informação disseminada pelo canal *Papo de Preta* impacta a identidade racial de seus internautas? As respostas obtidas por meio do questionário permitem inferir que a informação disseminada pelo canal promove impactos na identidade racial de seus internautas, através da disseminação de informações étnico-raciais abrangendo sobretudo aspectos políticos e históricos dessa população.

Sugere-se que futuramente sejam realizadas novas análises aprofundando os dados obtidos, relacionando variáveis como dados obtidos a partir das respostas fornecidas por internautas brancos e dados obtidos a partir dos internautas pretos e pardos, já que a identidade tratada no estudo é a do tipo de autodefinição, ou seja, aquela atribuída pelo próprio grupo. A necessidade de maior aprofundamento também advém do próprio caráter da identidade, que conforme mencionado por Munanga (2020) é fluida.

Por fim, é possível considerar que a pesquisa também realiza sua contribuição para a identidade negra, a medida em que busca valorização e conscientização da humanização de um grupo que, durante o período compreendido de fevereiro a abril de 2021 (período de realização deste estudo) ainda tem sido severamente assolado por variados complicadores como a miséria, a evasão escolar e o desemprego, demonstrando a necessidade de valorização de sua existência, o que pode contar com o fazer científico e a informação, visto que ambos são capazes de direcionar os rumos da sociedade, conforme se tem visto no próprio corpo social brasileiro.

Referências

- ALVES, Fernanda Faria Melo; SANTOS, Bruno Almeida dos. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. *Biblios*, [s. l.], n. 72, p. 35-50, 2018. Disponível em: biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/issue/view/75. Acesso em: 10 fev. 2021.
- ARAÚJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. *BIBLOS*, [s.l.], v. 29, n. 1, fev. 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. Tradução Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Achtschin Ferreira, Marco Antônio de Azevedo. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>. Acesso em: 20 maio. 2020.
- CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-84.
- CENDON, Beatriz Valadares. A internet. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- CUNHA, Murilo Bastos da. *Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia*. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 2001. 168 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15121>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 25-40, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [s. l.], n. 63, p. 103-120, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114868>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.
- GÜNTHER, Hartmut. *Como elaborar um questionário*. Brasília: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental, p. 37-54, 2003.
- LARRAÍN, J. O conceito de identidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 30-42, 11 abr. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3211>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- LIMA, Celly Brito; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A construção de identidades afrodescendentes na cibercultura: o olhar da ciência da informação. *Informação & Sociedade*:

- Estudos, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 37-43, 2009. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92114>>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [s.l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/issue/view/14>>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de.; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação étnico racial na ciência da informação. *Liinc em revista*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/90559>>. Acesso em: 22 maio 2020.
- PAPO DE PRETA. Página de apresentação do canal. [S.l.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCVU2MvWjNozGxCdRIY1034Q>>. Acesso em: 22 maio 2020.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Thais Helen do Nascimento; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Entre os estudos culturais e a ciência da informação: fontes de informação étnico-raciais. *Informação e Informação*, Londrina, v. 21, n. 1, p. 29-55, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/issue/view/1143>>. Acesso em: 22 maio 2020.
- SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Fontes de informação na web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. *Transinformação*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 203-212, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103=37862014000200203-&lng=en&nrm-iso>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- WANDERLEY, Alba Cleide Calado. *A construção da identidade afro-brasileira nos espaços das irmandades do Rosário do sertão paraibano*. 2009. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4684?mode=full&locale=pt_BR>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- YOUTUBE. *Sobre o YouTube*. [S. l.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>>. Acesso em: 22 maio 2020.